

# Amazônia

## Geopolítica na virada do III milênio

Palmira L. de Souza e Cristina A. F. Acevedo  
Discentes de Doutorado do Programa DINTER (UnB, UFRR e FLACSO) em Relações Internacionais

Guido N. Lopes  
Doutor em Ciências pelo Centro de Energia Nuclear na Agricultura da USP,  
Membro Titular Fundador da Academia Roraimense de Ciências,  
Docente do Departamento de Solos e Engenharia Agrícola do Centro de Ciências Agrárias da UFRR,  
guido@query.in

O livro *Amazônia – geopolítica na virada do III milênio* de **Bertha K. Becker**, publicado pela Editora Garamond em 2004, traz relevante contribuição no entendimento da Amazônia em seus múltiplos aspectos interligado, geográfico, político, econômico, social e ambiental, face ao fenômeno da globalização.

A Autora ao contextualizar sua narrativa, inicia descrevendo os processos contemporâneos que atribuem significado às transformações na Amazônia brasileira, na compreensão da dinâmica regional a partir da análise das formas conflituosas do uso da Terra. Examina o conceito de fronteira na complexidade do novo contexto histórico e geopolítico em que vivemos.

A narrativa é agrupada em seis elaborados capítulos, o primeiro descreve o legado histórico e as mudanças estruturais pela qual passou a Amazônia brasileira em fins do Século XX.

O segundo capítulo trata de descrever a Amazônia Transnacional, como uma nova escala de ação, conjuntamente apresenta as causas econômicas e geopolíticas associada à fronteira do capital natural, o enfoque desse capítulo é descrever os efeitos da globalização na Amazônia.

No cenário dessa nova ordem econômica mundial, a Autora descreve com maestria o novo lugar da Amazônia no Brasil, detalhando a tendência ao esgotamento da Amazônia como fronteira móvel; a falência do arco do fogo, no sentido da reconversão produtiva em áreas consolidadas; e descreve o papel das cidades e redes na incorporação da Amazônia ao tecido produtivo nacional.

O capítulo IV é um mergulho geopolítico nos domínios da natureza, na compreensão das áreas protegidas; dos projetos alternativos para os pequenos produtores; na leitura dos conflitos político-administrativos que se justapõem na Amazônia, a ordem federativa dos estados e municípios e aquela diretamente ligada pela implantação da legislação protetora ambiental e da cultura dos povos indígenas, as terras indígenas e as unidades de conservação.

No cenário de conflitos e interesses, a Autora descreve os principais conflitos de uso do território Amazônico, descreve também os desafios às políticas públicas para a Amazônia e finaliza o capítulo relatando os esforços para o estabelecimento de um desenvolvimento regional com sustentabilidade.

O clímax da narrativa da Autora é descrito no último capítulo que trata da nova geografia amazônica e apresenta a regionalização como estratégia de desenvolvimento sustentável, um instrumento do planejamento. Conceitua, caracteriza e descreve três macrorregiões em função de quatro variáveis estruturais, a saber: tendência demográfica, alterações no padrão de uso da Terra, dinâmica da economia regional dos centros urbanos e legislação ambiental. A primeira macrorregião descrita é em função do povoamento consolidado, agrupadas em cinco sub-regiões: arco da embocadura; núcleos de mineração do Leste e Sudeste do Pará; corredor do Araguaia-Tocantins; áreas intensivas em tecnologia agroindustrial; e áreas de agropecuária tradicional e sistema agro-florestal. A segunda macrorregião descrita é a Amazônia Central e finalmente a última é a Amazônia Ocidental.

A Autora não se propôs a conceituar, caracterizar e descrever todas as atividades e feições da Amazônia brasileira, mas também analisar o mais detalhado quanto possível o processo de transformação que passa a Amazônia na virada do terceiro milênio, com base em quatro hipóteses de trabalho, a saber:

H1 (com três afirmativas)- o novo significado geopolítico da Amazônia como fronteira do capital natural em nível global; a importância de pensar e agir na escala da Amazônia Transnacional; e a tendência ao esgotamento da região como fronteira de expansão demográfica e econômica nacional.

H2 (uma afirmativa)- com base em dados de produtividade e a análise efetuada comprovam a nova geoeconomia regional que torna sem dúvida obsoleta a referência ao arco do fogo ou arco de povoamento consolidado.

H3 (duas afirmativas)- a biodiversidade, as florestas, a água, constituem riquezas reconhecida internacionalmente, mas não conscientizada nacionalmente; o papel da sociedade civil torna-se crucial para reversão desse contexto e

H4 (duas afirmativas)- a organização e resistência de populações tradicionais à expropriação de suas terras, florestas e identidades, alinhado ao fato de que todos os atores regionais hoje querem se desenvolver – a voz da sociedade civil regional.

O problema de conciliar o desenvolvimento regional com a sustentabilidade não é simples nem fácil, mas possível e a Autora apresenta quatro medidas prévias, e também discute um modelo de monitoramento constante do processo em dois níveis para atingir rigor na execução das ações.